

A NARRATIVA HISTÓRICA: OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA ESCRITA E DO ENSINO DE HISTÓRIA

Jânia Maria Teixeira Capra¹

Michele Salete Reis²

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo fazer uma breve análise de como a escrita da história vem sendo pensada nos últimos anos, com ênfase ao retorno da narrativa histórica a partir de várias perspectivas. Pretende-se também apresentar o ponto de vista de alguns historiadores acerca dos desafios do trabalho do historiador, tendo em vista o campo de estudo, a metodologia e a postura do historiador diante de um acontecimento histórico. E, para finalizar, discutiremos como as narrativas históricas vem sendo utilizadas em sala de aula e como esse recurso pode despertar o interesse pelo estudo e pelo caráter investigativo da história.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Historiografia. Acontecimento e Ensino.

THE HISTORICAL NARRATIVE: THE CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF HISTORY WRITING AND TEACHING

ABSTRACT: This essay aims to make a brief analysis of how the writing of history has been thought in recent years, with emphasis on the return of historical narrative from various perspectives. It is also intended to present the point of view of some historians about the challenges of the historian's work, in view of the historian's field of study, methodology and posture in the face of a historical event. Finally, we will discuss how historical narratives have been used in the classroom and how this feature can arouse interest in the study and the investigative character of history.

KEYWORDS: Narrative, Historiography, Event and Teaching.

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio traz uma discussão muito pertinente no campo da historiografia que é o retorno da narrativa histórica, bem como os caminhos que o historiador utiliza para escrever a história e a utilização da narrativa como um recurso didático para o ensino da história. O interesse em abordar essa temática surgiu após um estudo de alguns teóricos do campo da

¹ Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior (EMBRAPE) e Teoria da História e História Regional pela UFMT; Graduada em História pela PUC – RS; Professora no UniCathedral Centro Universitário de Barra do Garças, MT; E-mail: jm.capra@uol.com.br.

² Estudante no Mestrado Profissional em Ensino de História/ PROFHISTÓRIA pela Universidade Federal de Mato Grosso. Pós graduada em Ensino de Geografia e História pela Instituto Mato-grossense de Pós Graduação (IMP), graduada em licenciatura em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC; Professora de História na Escola Estadual Antônio Gröhs e no Unicathedral Centro Universitário de Barra do Garças, MT. E-mail: michelereis92@hotmail.com.

historiografia que defendem o retorno da narrativa histórica e a liberdade do historiador em definir o itinerário que irá utilizar para o estudo e a escrita da história. O estudo desses teóricos veio ao encontro a uma situação vivida em sala de aula, onde se percebeu que a utilização da narrativa histórica pode ser uma excelente ferramenta didática.

Por meio desse ensaio se pretende discutir a estreita ligação entre teoria e prática no campo da história, ou seja, perceber de que forma alguns teóricos do campo da historiografia podem contribuir, por meio de suas pesquisas e de seus métodos de abordagens, para o ensino significativo da história.

Para produzir este ensaio, foi realizado um estudo bibliográfico de autores que abordam a temática da escrita da história, além de analisar uma experiência em sala de aula onde se fez o uso de uma narrativa histórica.

2. DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CAMPO DA HISTÓRIA

De acordo com Rüsen (2009) a história tem como função didática formar a consciência histórica, ou seja, o conhecimento histórico deve dar sentido as ações humanas e possibilitar aos sujeitos a apropriação da sua própria identidade e da realidade que o cerca. Frente a isso, o profissional docente possui um grande desafio: como ensinar história para uma geração que tem acesso a um grande número de informações em tempo real? Como tornar a história atrativa para estudantes que tem acesso a diferentes recursos proporcionados pela tecnologia? Como definir o que ensinar, tendo em vista que o campo da história é muito amplo, para uma sociedade imediatista?

Percebe-se que, assim como os profissionais docentes responsáveis pelo ensino da história, o historiador também tem inúmeros desafios, e alguns desses desafios são analisar os documentos históricos, que muitas vezes são limitados, interpretá-los e descrevê-los com uma linguagem acessível que desperte o interesse dos espectadores e, ao mesmo tempo, tenha uma certa plausibilidade científica.

Preocupados com essas questões, nos últimos anos, historiadores tem se debruçado para escrever a história sob diferentes perspectivas, fugindo do engessamento proposto pelas correntes historiográficas como o positivismo, marxismo, historicismo, etc.; que padronizavam os métodos de investigação, análise e abordagem da história. Nesse cenário, Burke (1992) aponta que muitos estudiosos defendem que a escrita da história tem sido empobrecida pelo abandono da narrativa. No entanto, aos poucos, este abandono está sendo superado pelo fato de estar em andamento a busca de novas formas de narrativas que são adequadas às novas histórias

que os historiadores tem interesse em contar. A narrativa histórica não segue um único modelo, “estas novas formas [de narrativas] incluem a micronarrativa, a narrativa de frente para trás e as histórias que se movimentam para frente e para trás, entre os mundos público e privado, ou apresentam os mesmos acontecimentos a partir de pontos de vista múltiplos” (BURKE, 1992, p. 347).

Reitera-se que estas novas formas de narrativas romperam com o modelo de narrativa tradicional e aproximaram a história da literatura. Alguns estudiosos questionam até que ponto a história pode se aproximar da literatura, tendo em vista que a história é uma ciência e a literatura faz muito o uso da ficção em suas narrativas. No entanto, essas novas formas de abordagens possibilitaram a escrita mais atrativa da história e, conseqüentemente, isso reflete no ensino da história, tendo em vista que o docente pode fazer uso dessas diferentes narrativas para tornar a história mais interessante, aguçar a curiosidade do educando e envolvê-lo na trama.

3. A ESCRITA DA HISTÓRIA

Nos últimos anos houve, no campo da historiografia, uma discussão sobre o que deve servir de ponto de partida para a escrita da história. Muitos historiadores acreditam que as indagações que surgem no presente devem contribuir para direcionar a pesquisa ao passado, outros acreditam que a história, para que tenha uma plausibilidade científica, deve narrar aquilo que os documentos indicam. De acordo com Veyne (1971, p. 14 -15) “a história é narrativa de acontecimentos: tudo o resto daí decorre. [...] A narrativa histórica coloca-se para além de todos os documentos, visto que nenhum deles pode ser o acontecimento [...]”. A narrativa histórica pode ir muito além do acontecimento, tendo em vista que, por trás do acontecimento que está sendo narrado existe uma gama de relações que foram fundamentais para aquele acontecimento, relações que podem ser percebidas ou não pelo historiador, tudo depende da intriga³ e da dimensão que o historiador dá ao acontecimento.

É interessante destacar que muitas correntes historiográficas buscaram delimitar o que era digno de ser história e isso foi questionado por Veyne (1971) ao afirmar que não há limites para a história, tudo é história, tudo o que acontece no sublunar⁴ é história e quem delimita o que deve ser estudado e registrado pela historiografia é o historiador.

³ Paul Veyne chama de intriga uma mistura muito humana e pouco científica de causas materiais, de fins e de acasos; uma palavra, uma fatia de vida que o historiador recorta do seu bel prazer e onde os fatos têm as suas ligações objetivas e a sua importância relativa.

⁴ Expressão também utilizada por Paul Veyne para definir o campo de estudo do historiador.

Apesar de tudo ser história, é impossível aos historiadores retratar tudo o que envolve um acontecimento. Como discutimos anteriormente, por trás de um acontecimento existe uma gama de relações que são, em muitas situações, praticamente impossíveis de serem explicadas.

Frente a isso, é importante perceber que a história apresenta muitas lacunas, muita coisa do passado se perdeu pelo fato de ser julgado como algo que não fosse digno de ser registrado pelo historiador, não ter documentos que possibilitassem o seu estudo, ou até mesmo pela própria limitação da memória do ser humano.

Outro ponto discutido por Veyne (1974) são os métodos utilizados pelo historiador. Ele condena a utilização de um método único ou métodos padronizados e defende que o historiador pode partir de diferentes métodos para produzir a história. Acredita-se que o autor até usou da ironia ao afirmar que a história não é uma ciência, pelo fato de que os métodos e critérios que são estabelecidos pelo meio científico para determinar aquilo que é ciência, de certa forma limitam o trabalho do historiador.

Reitera-se que o autor defende a necessidade da história não estar submetida a critérios e métodos padronizados de investigação e de abordagem e isso também fica claro quando Burke (1992) defende as diferentes formas de se fazer narrativas.

Um exemplo interessante a ser mencionado é o estudo de Natalie Zemon Dives sobre o retorno de Martin Guerre. A intriga de Dives (1987) é justamente em torno de um camponês da Idade Média que teve sua identidade usurpada por um impostor durante alguns anos. A narrativa envolve o julgamento do impostor e, para produzi-la, a historiadora se deparou com uma problemática muito comum no campo da história, a falta de documentos. Todos os documentos do caso haviam se perdido e só restara um livro produzido por um dos juízes que acompanhou o caso e alguns relatos de um dos advogados presentes no julgamento. Apesar desse caso ter chamado muito a atenção de Dives, ela se deparou com muitas lacunas e interrogações para tentar entender e escrever.

No posfácio do livro *O retorno de Martin Guerre*, Ginzburg chama a atenção pelo fato de Dives ter utilizado duas metodologias diferentes no campo da historiografia. A primeira foi mostrar como explorar um documento único⁵, que não era nada parecido com o que era produzido, mas, ao mesmo tempo, dialogava com a documentação da época. Em seguida, para tentar compreender o comportamento dos personagens envolvidos na trama, Dives (1987) analisou a biografia de homens e mulheres que viveram naquele período, essa foi uma

⁵ Livro publicado pelo Juiz Jean de Coras acerca do julgamento do impostor de Martin Guerre. O livro discute o caso por meio situações dramáticas e questões existências, possuía um caráter jurídico e filosófico.

metodologia utilizada pela historiadora para preencher as lacunas deixadas pela falta de documentação.

Davis narra a história de Martin Guerre como uma narrativa policial e vai descortinando os meandros dessa história por meio de provas e, na ausência destas, preenche as lacunas com aquilo que ela chama de possibilidades históricas, desenvolvendo um método próprio de investigação e análise da história.

Veyne (1974) também condena a padronização metodológica no campo da história e defende que o historiador não trabalha com coisas e nem objetos consistentes, mas sim com recortes da realidade onde há interação entre homens e coisas e, devido a esse fator, o historiador deve ter liberdade para escolher o itinerário utilizado para descrever o campo acontecimental, podendo fazer uso de diferentes escalas, diferentes cortes temporais ou diferentes formas de abordagens, tendo em vista que estes itinerários são considerados igualmente legítimos no campo da historiografia.

De acordo com Veyne (1974), é preciso que o historiador perceba no acontecimento, por meio dos documentos, da memória coletiva, da própria tradição escolar ou outras estruturas possíveis e que, caso necessário, esteja pronto para modificar o nível descritivo.

Reiteramos que a narrativa histórica, a partir de diversas formas de abordagens, transformou significativamente a escrita da história e, conseqüentemente, isso também refletiu no ensino da história, possibilitando uma história mais atrativa para os estudantes. A intriga e a trama existentes nas narrativas, além de despertar a curiosidade, tornam o conhecimento histórico fascinante e incentivam outras pesquisas no campo da história.

4. A NARRATIVA HISTÓRICA ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO

Ao introduzir a história do Município de Barra Garças a um grupo de estudantes, citei a Lenda da Garrafa de Diamantes, essa lenda foi difundida entre os moradores do município e descrita pelo historiador Valdon Varjão em um de seus livros. De acordo com Varjão (1985) um grupo de ex-combatentes da Guerra do Paraguai, ao retornar da Guerra, passou para descansar na margem do rio Araguaia e resolveram garimpar. O grupo liderado por Simião da Silva Arraya encontrou alguns diamantes e os guardou em uma garrafa. O grupo sofreu um ataque de indígenas, enterrou o garrafa sob uma pedra com a inscrição S. S. Arraya e atravessou o rio a nado. Antes de retornarem para recuperar a garrafa, começou o período das chuvas, o rio encheu, a pedra se movimentou e, por fim, a garrafa nunca foi encontrada.

Muitos moradores vieram para a região de Barra do Garças a procura da tal garrafa e acabaram povoando o município. Apesar de ser considerada uma lenda, a pedra com a inscrição está exposta em um espaço público da cidade. O fato é que quando relatei a lenda aos estudantes, estes demonstraram interesse pela história do município e pela Guerra do Paraguai. Essa narrativa instigou o interesse e a curiosidade pela história local e o grupo deu início a uma atividade de pesquisa que partiu da observação da pedra que está exposta em um espaço público da cidade e, posteriormente, realizaram uma série de entrevistas com moradores para tentar obter informações e confrontá-las com leituras e discussões feitas em sala de aula acerca do assunto abordado. Um dos entrevistados falou que a Lenda da Garrafa de Diamantes é totalmente falsa e que foi uma história criada em torno de uma pedra qualquer. Isso inicialmente gerou uma certa decepção nos estudantes, no entanto, após algum tempo, perceberam que a lenda é uma possibilidade de algo que pode ter ocorrido e, assim como Davis, ao existirem lacunas na história, o historiador pode trabalhar com possibilidades.

A partir dessa narrativa os estudantes perceberam que não há uma única maneira de se fazer história, que no campo da história não há limites e que o estudo e o conhecimento história pode ser muito interessante, tudo depende da intriga que envolve determinado acontecimento e do papel social ocupado pelo agente responsável por determinada narrativa histórica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno da narrativa histórica contribuiu para transformar a linguagem da história e tornar o ensino da história mais significativo. Neste ensaio, foram apresentadas as discussões de Burke(1992) que defendeu o retorno da narrativa histórica a partir de diferentes perspectivas e de Veyne (1974) que compilou o ideal de vários historiadores acerca da escrita da história, defendendo a liberdade do historiador em escolher seu itinerário de pesquisa e escrita, os critérios para definir o acontecimento histórico e a abordagem em relação ao acontecimento.

É interessante reconhecer como o pensamento desses e de outros historiadores se complementam, ao mesmo tempo que questionam determinadas abordagens históricas, apresentam possíveis caminhos que o historiador pode utilizar para escrever a história, mostrando o quão complexo, mas ao mesmo tempo fascinante é o estudo e a escrita da história.

Veyne nos fez refletir sobre o quanto os acontecimentos do dia a dia são, de certa forma, complexos, pelo fato de não serem aquilo que aparentam, por trás de um acontecimento, há uma série de outras relações que os determinam e, a partir daí, ele discute a importância do papel do historiador ao definir qual aspecto desse acontecimento ele irá abordar.

Dessa forma, percebe-se que princípios da ciência como neutralidade, imparcialidade, experiência e verdade, são colocados em xeque no campo da história. A ênfase a determinado aspecto do acontecimento depende muito do ponto de vista do historiador, da documentação que ele tem acesso e dos caminhos que ele utiliza no momento da investigação. Sendo assim, o conhecimento que ele produz pode ser considerado uma interpretação da realidade e não uma verdade absoluta.

É interessante destacar como a valorização da narrativa histórica, a partir de diferentes perspectivas, contribuiu para transformar o ensino da história. Essas narrativas possibilitam um envolvimento maior dos estudantes por abordar assuntos que despertam interesse e proporcionam ao docente a possibilidade de ministrar uma aula mais atrativa aos jovens. Essas narrativas além de apresentar muitas informações acerca do passado, despertam curiosidade e o espírito investigativo dos estudantes e tais práticas contribuem para a produção de novos conhecimentos no campo da história.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de metahistória. **Revista História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças: Migalhas da sua história**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Tradução: Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1974.